Fagundes Varella — Névoas

Nas horas tardias que a noite desmaia, Que rolam na praia mil vagas azuis, E a lua cercada de pálida chama Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de névoas imensas Que em grutas extensas se elevam no ar, — Um corpo de fada, — serena dormindo, Tranquila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve — puríssima e nua — Um raio da lua de manso batia, Assim reclinada no túrbido leito Seu pálido peito de amores tremia.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas, Das verdes, — cheirosas roseiras do céu, Acaso rolaste tão bela dormindo, E dormes sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a fronte, As orlas do monte se escondem nas brumas, E queda repousas num mar de neblina, Qual pérola fina no leito de espumas!

Nas nuas espáduas, dos astros dormentes, — Tão frio — não sentes o pranto filtrar? E as asas de prata do gênio das noites, Em tíbios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo De um férvido beijo gozares em vão!… Os — astros sem alma — se cansam de olhar-te, Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, — e as névoas tremiam, —

— E os gênios corriam — no espaço a cantar, Mas ela dormia tão pura e divina Qual pálida ondina nas águas do mar!

Oh! vem! vem, minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecê-los no peito incendido,
— Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido, Ouvindo o gemido da onda na praia, Na hora em que fogem as névoas sombrias, — Nas horas tardias que a noite desmaia. —

E as brisas d'aurora ligeiras corriam, No leito batiam da fada divina; Sumiram-se as brumas do vento à bafagem E a pálida imagem desfez-se em — neblina!

Santos - 1861.

Fagundes Varella, Noturnas